

TECNOLOGIA DE PRIMEIRO MUNDO

Toda a sofisticada tecnologia de monitoramento por satélites utilizada pelos especialistas brasileiros continuará desperdiçada caso os agentes políticos do País não acertem o passo

Apesar de toda a dificuldade econômica, o Brasil conseguiu desenvolver as mais avançadas tecnologias de observação para a região amazônica. Hoje, o País já manipula com eficiência de Primeiro Mundo os melhores instrumentos de monitoramento ambiental. É um dos países líderes na aplicação das imagens dos satélites americanos (Landsat e NOAA), e europeus (Spot e Meteosat), sem precisar de computadores muito potentes e com softwares nacionais. No início do ano, pôs em órbita seu primeiro satélite de coleta de dados, SCD1. E, desde junho ensaia as aplicações do satélite radar europeu, ERS1, um poderoso instrumento de planejamento e vigilância capaz de enxergar através das nuvens e complementar os outros satélites ambientais com novas informações.

Bons projetos — Com essa tecnologia, desde 1973, o País esquadriñha seu imenso e muitas vezes inacessível território a partir do espaço, a baixo custo, em curto prazo e eliminando boa parte dos exaustivos levantamentos de campo dos anos 70, materializados no excelente Projeto Radam.

O Brasil passou ainda a contestar, nos meios científicos, a posi-

ção de vilão ambiental que alguns países industrializados queriam lhe conferir, como forma de dissimular a própria poluição.

Os dados dos satélites foram fundamentais para mudar a imagem do País durante a Rio-92 e firmar posições diplomáticas como, por exemplo, durante as negociações para uma Convenção de Florestas.

Infelizmente, a reconhecida competência no olhar não encontra o menor eco no fazer.

Há pelo menos 5 anos, o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama) recebe semanalmente, durante todo o inverno, uma lista com a localização e intensidade das queimadas em todo o País. O Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) processa as imagens do satélite NOAA e envia um telex ao Ibama, com as coordenadas geográficas das maiores queimadas. O órgão federal de "defesa" do meio ambiente não sabe o que fazer com as listas e as arquiva.

Ociosidade — Diversos laboratórios foram montados em fundações e empresas estaduais, para ler e trabalhar os dados de satélite. Quase todos se encontram ociosos por falta de equipes treinadas para operar os computadores.

OS DADOS OBTIDOS DOS SATÉLITES MUDARAM A IMAGEM DO PAÍS DURANTE A RIO-92

O máximo que executam é um programinha pronto de demonstração, para encher os olhos dos visitantes.

Tem mais. Desde 1989, alguns centros de pesquisa capacitaram-se para usar os Sistemas Geográficos de Informação, computadores capazes de combinar mapas, imagens radar e imagens de satélite para produzir e atualizar permanentemente os zoneamentos ambientais, agroecológicos, econômico-ecológicos, etc., etc.

Os zoneamentos servem para planejar o uso racional do solo, das reservas minerais e vegetais e

para ordenar a ocupação territorial, com menos impacto ambiental. Sempre em curto prazo, com baixo custo e com reduzidos levantamentos de campo.

Mas o poder ignora a tecnologia e adota políticas cegas e coxas. Anuncia, como um grande passo, a confecção de dezenas de mapas em papel, com um diagnóstico ambiental de tão difícil leitura e compreensão, que, certamente, será arquivado na pasta ao lado das listas de queimadas.

Novos dados — Agora, com o recém lançado Sistema de Vigilância

da Amazônia (Sivam) as aplicações dos satélites serão complementadas com informações dos novos radares de vigilância, bancos de dados e novas plataformas ambientais, cujos dados serão co-

A COMPETÊNCIA
NO OLHAR NÃO
ENCONTRA ECO
NO FAZER

letados pelo SCD1. Com certeza existe capacitação técnica para montar de fato todo esse sistema e, sem nenhuma dúvida, a vigilância é necessária e urgente.

Acertar o passo — Mas toda essa tecnologia de monitoramento continuará desperdiçada, se os agentes políticos não acertarem o passo. No lugar de usufruto sustentado, duradouro e eficiente de sua imensa riqueza, o País continuará a assistir de camarote, lá do espaço, ao assalto de seus recursos minerais e depredação de suas florestas. (L.J.)